



# Cidade, gênero e infância

Rodrigo Mindlin Loeb  
Ana Gabriela Godinho Lima  
ORGANIZADORES

# Sumário

## PREFÁCIOS

- 12 Cidades e promoção do desenvolvimento humano  
CLAUDIA VIDIGAL E BERNARD VAN LEER FOUNDATION
- 16 A perspectiva antropológica da escuta de crianças:  
territórios, cultura e ética  
ADRIANA FRIEDMANN
- 26 Da criança cidadã à cidade com crianças  
VITAL DIDONET
- 36 A cidade é de quem quiser!  
A escola como incubadora dos direitos  
territoriais das infâncias  
ANA BEATRIZ GOULART DE FARIA
- 42 Crianças, cidade e educação  
NATACHA COSTA

## APRESENTAÇÃO

- 50 Cidade, gênero e infância  
Projeto como ferramenta de transformação em  
territórios vulneráveis  
RODRIGO MINDLIN LOEB E ANA GABRIELA GODINHO LIMA

# 1

## O TERRITÓRIO E A CRIANÇA

- 62 **O direito de sonhar**  
Centro de Excelência em Primeira Infância  
no Maranhão e em São Paulo  
TIÃO ROCHA E VERA LION
- 80 **Ruas das meninas?**  
Violência e espaço público no cotidiano de crianças  
em favelas do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo  
HERMÍLIO SANTOS, CELINA DE PINHO BARROSO  
E PRISCILA SUSIN
- 104 **Barreiras urbanas, segregação territorial  
e vulnerabilidade social**  
A infância na várzea do Cangaíba,  
Zona Leste de São Paulo  
DANIELA GETLINGER E JULIO LUIZ VIEIRA
- 126 **Percursos da primeira infância:  
mobilidade e espaços públicos**  
As experiências do Urban 95 Boa Vista  
URSULA TRONCOSO

# 2

## O BRINCAR E O ESPAÇO PÚBLICO

- 148 **A ambiência lúdica na vida das crianças**  
O brincar livre como direito universal  
JANINE DODGE E MARILENA FLORES MARTINS
- 170 **Toda Criança Pode Aprender**  
Implantação de projeto piloto no município de Mauá  
ISABEL SANTANA GERVITZ, BEATRIZ  
CARDOSO E NICOLE PAULET PIEDRA
- 192 **Direito ao brincar**  
A experiência da Avante em comunidades de Salvador  
ANA OLIVA MARCILIO E MARIA THEREZA MARCILIO
- 220 **Brincadeiras no quarteirão**  
Experiências da participação infantil no espaço  
urbano de Antuérpia e São Paulo  
JULIANA DI CESARE MARQUES AWAD  
E MARIA DE FÁTIMA ARANHA TOTTI
- 242 **Vila do Amanhã**  
A cidade como ferramenta  
educativa na Espanha e no Brasil  
SANDRA GONZÁLEZ ÁLVAREZ

# 3

## A TRANSFORMAÇÃO DA COMUNIDADE

- 262 **Mulheres Caminhantes!**  
Auditorias cidadãs e perspectiva de gênero na Zona Norte de São Paulo  
ALICE JUNQUEIRA, ANA CAROLINA NUNES E LETICIA LEDA SABINO
- 284 **Aula pública**  
Transformando a vida das crianças e adolescentes na Baixada do Glicério, São Paulo  
PAULO MAGALHÃES
- 302 **Passeia Jardim Nakamura**  
Cocriação de sistema de sinalização para melhorar a experiência dos deslocamentos a pé na Zona Sul de São Paulo  
BARBARA BONETTO, LETICIA LEDA SABINO E MARIANA MORAIS
- 320 **A gente veio pelas crianças**  
A metodologia do Instituto Elos para promover transformação em comunidades  
RODRIGO RUBIDO ALONSO
- 338 **A criança na cidade**  
As experiências do Centro de Criação de Imagem Popular no Morro dos Macacos e em Manguinhos, Rio de Janeiro  
CLAUDIUS CECCON

## INTERMEZZO: ENSAIO FOTOGRÁFICO

- 368 **Registro das comunidades estudadas**  
RODRIGO MINDLIN LOEB

## Epílogo

## SONHAR O NÃO CONHECIDO

- 388 **Sonhos infantis**  
Experiências pedagógicas em quatro territórios: escola privada de São Paulo, escola pública de favela carioca, comunidade multiétnica na Bahia e aldeia Kamaiurá no Xingu  
ROBERTO GAMBINI

- 432 **Bibliografia**

- 448 **Biografias**

# Vila do Amanhã

A cidade como ferramenta  
educativa na Espanha e no Brasil

SANDRA GONZÁLEZ ÁLVAREZ

Houve um tempo, tínhamos medo da floresta. Era a floresta do lobo, do ogro, da escuridão. Era o lugar onde não podíamos perder. Quando os avós nos contavam histórias, a floresta era o lugar preferido para se esconder dos inimigos, das armadilhas, da angústia. [...] Houve um tempo, nos sentíamos seguros entre casas, na cidade, com o bairro. Este era o lugar onde procurávamos companheiros, onde nos encontrávamos para brincar. Havia o nosso lugar, o lugar onde nos escondíamos, onde organizávamos a gangue, onde brincávamos de casinha, onde escondíamos o tesouro [...]. Mas em poucas décadas, tudo mudou. Houve uma transformação tremenda, rápida e total, como nossa sociedade nunca tinha visto antes (pelo menos como registrado na história documentada). [...] A floresta se tornou linda, luminosa, objeto de sonhos e desejos. A cidade, por outro lado, tornou-se algo sujo, cinza, monstruoso. [...] Nas últimas décadas, e de maneira totalmente evidente nos últimos cinquenta anos, a cidade, nascida como local de encontro e troca, descobriu o valor comercial do espaço e alterou todos os conceitos de equilíbrio, bem-estar e comunidade a seguir apenas programas de lucro e interesse. Ela se vendeu, se prostituiu. [...] A cidade agora é como a floresta dos nossos contos.

FRANCESCO TONUCCI,  
*La ciudad de los niños*, p. 29-30

**COMO A CIDADE PODE SER**, novamente, um lugar para todos? Como podemos recuperar a identidade da cidade? Como fazer para que nosso patrimônio não se perca? Como fazer a cidade ser esse lugar de reunião e de trocas novamente? Essas são as questões que nos levaram a criar A Vila do Amanhã, um projeto educativo e de divulgação com o objetivo de que, desde a infância e a juventude, e por meio do jogo, as pessoas passem a tomar consciência de todas as escalas do comum: o patrimônio tangível e intangível, a arquitetura, o urbanismo, a paisagem. Ao mesmo tempo em que se obtém da disciplina arquitetônica uma nova visão da cidade, a que é fornecida por aqueles que serão os habitantes do amanhã.

Acreditamos ser necessário que a infância e a adolescência estejam ativamente presentes no processo de construção do espaço comum (praça,

vizinhança, cidade), proporcionando a elas as ferramentas necessárias para conhecer o valor de seu entorno e desenvolver sua criatividade a partir da arte e da arquitetura. O objetivo é provocar nelas o despertar de um novo olhar sobre os espaços nos quais vivem, e fazer das crianças as protagonistas do espaço público, de forma que a cidade também responda suas necessidades.

O projeto se desenvolve a partir de oficinas em diferentes cidades da Galícia, na Espanha, e até agora trabalhamos em treze cidades galegas (Rianxo, Bertamirás, Milladoiro, Verín, Mondoñedo, A Pobra do Caramiñal, Riveira, Bueu, Vilagarcía de Arousa, Cambados, Carballo, Ferrol e Arteixo). As oficinas também foram colocadas à prova, mudando um pouco de escala, na cidade de São Paulo, Brasil. O trabalho é realizado pela equipe do PØSTarquitectos, financiado por diferentes prefeituras e recebe o apoio do governo de La Corunha, da Escola Técnica Superior de Arquitetura – Etsac da Universidade de La Corunha, da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, do Colégio Oficial de Arquitetos da Galícia – Coag, da Associação para a Defesa do Patrimônio Cultural da Galícia – Apatrigal e do Instituto Brasileira.

#### DIAGNÓSTICO

Nesta época em que vivemos, onde tudo está a um clique de distância, onde voar sobre Tóquio ou Nova York está ao alcance das mãos, onde se pode visitar o Panteão pela tela, temos nos esquecido do lugar onde habitamos. As novas gerações, os habitantes do amanhã, desconhecem por completo a vila ou a cidade em que moram. Vivem em uma caixinha, se movem em outra caixa ainda menor, e chegam a uma caixa maior (chamada escola, shopping center, academia). Essa é sua relação com o entorno.

A realidade atual é que a conexão natural entre as crianças e seu habitat, o lugar onde crescem e se desenvolvem, a cidade em que moram, está diluída, apenas existe. Encontramos crianças de classe média e média alta em suas casas vendo televisão, com seus videogames, brincando em

seus condomínios vigiados, movendo-se em um carro e descobrindo a cidade a partir de sua janela, onde o parque ou a praça foram substituídos pelo shopping center. A cidade é um meio hostil a elas, que perderam sua liberdade, limitada a certos lugares considerados seguros e controlados por adultos. Estamos transmitindo a mensagem de medo que a sociedade sente no momento e, conseqüentemente, o lugar onde vivem não é seguro às crianças.

O espaço público deve ser um espaço de encontro e de descobertas. O desenvolvimento de relações de todo o tipo, nesse espaço de convivência, tem sido historicamente um gerador de cultura e de civilização. A perda de relação com esse espaço nos separa de nosso entorno, e transforma as cidades em locais anônimos e introspectivos, incapazes de criar. Se as crianças continuam separadas de seu entorno físico, incapazes de conhecê-lo e de entendê-lo, jamais irão desenvolver laços com o lugar, irão esquecer e passear em cidades alheias, transformados em consumidores e não em cidadãos e em habitantes.

Diante dessa imagem de espaço público atual, o projeto A Vila do Amanhã começa entendendo a cidade como uma ferramenta educativa, não neutra, a qual nos aproximamos a partir do jogo. Nas oficinas, a essa proposta são entrelaçadas ideias e conceitos conhecidos com novas metodologias.

Recuperamos algumas ideias propostas pelo arquiteto holandês Aldo van Eyck (1918-1999), nas quais dava a oportunidade à criança de descobrir a cidade a partir de seu próprio movimento, que deve se desenvolver pelos seus jogos, que é sua forma natural de conhecer o mundo. Temos consciência de que, neste momento, isso gera um conflito entre as ruas e as praças, conflito que queremos provocar, ressaltar e demonstrar nas oficinas: o que acontece quando os espaços de nossas cidades estão ocupados por crianças brincando? Como as crianças se sentem? Como reagem os adultos? Como é possível transformar a cidade? A partir desse conflito, queremos transformar a imagem da cidade que as crianças têm (atuais e futuros habitantes dela) e, ao mesmo tempo, fazê-los visíveis nesses espaços aos olhos dos adultos.

Aldo van Eyck refletia, já nos anos 1950, sobre como o aumento de carros nas ruas tirava a capacidade das crianças de serem livres em seu entorno, e de formar parte da cidade.

Já sabem o que acontece após uma grande nevasca: a criança se transforma temporariamente em senhor da cidade. É possível vê-los correndo em todas as direções, pegando neve de carros congelados. Um grande truque do céu, este. Uma correção temporária em benefício das descuidadas crianças. Depende de vocês agora conceber algo mais permanente do que a neve. Aquilo que forem conceber não deverá ser algo isolado, ou um grupo de coisas isoladas, mas algo que possa ser repetido em diferentes lugares da cidade. A cidade deverá ser capaz de absorvê-los esteticamente e fisicamente, formando parte da malha urbana. Deve ser tão essencial que responda à disposição e aos movimentos das crianças, e ative sua imaginação.<sup>1</sup>

Outra ideia que fundamenta nosso projeto A Vila do Amanhã surge a partir do conceito do direito à cidade, tal como defendia Henri Lefebvre (1901-1991), no qual as pessoas que vivem na cidade têm direito a desfrutá-la, a transformá-la e que esteja refletida nela sua maneira de entender a vida em comunidades. A partir desse ponto de vista, não há como não incluir o direito das crianças à cidade. Por isso, consideramos o espaço público como um espaço comum de aprendizagem e de construção coletiva no qual a infância deve ter seu lugar.

A preocupação pela infância é algo relativamente recente, mas não há desculpa atualmente para que continue sendo ignorada no fenômeno urbano. Se, geralmente, o urbanismo tem sido acusado de se afastar da escala humana, é possível dizer sem dúvidas de que jamais esteve, nem remotamente, próximo a uma escala ou perspectiva infantil. As crianças têm sido historicamente esquecidas nos espaços públicos, suas opiniões e necessidades geralmente têm sido ignoradas, assim como sua dimensão e sua capacidade. Isso faz delas vulneráveis e pouco autônomas nos lugares

que temos criado. Queremos, assim, dar voz aos que normalmente não a têm, às crianças e aos jovens, impulsionando seu direito a formar uma opinião própria sobre o habitat em que vivem, e poder expressá-la. Buscamos estimular uma atitude crítica para promover seu desenvolvimento como cidadãos ativos, pois serão elas as responsáveis pela cidade do futuro. Conformando, portanto, os cimentos de uma sociedade crítica.

Queremos trabalhar nos espaços públicos para os transformar em espaços comuns. Como afirma o geógrafo e teórico social David Harvey, é preciso que os cidadãos se apropriem dos espaços públicos urbanos pela ação política, para convertê-los em espaços comuns.<sup>2</sup> As praças e ruas, a paisagem com seus elementos, o mobiliário, os espaços vazios são bens comuns que buscamos que as crianças reconheçam como seus, a partir de diferentes pontos de vista: da história, de seus usos, de sua evolução e suas transformações.

Nosso objetivo é que a infância e a adolescência estejam ativamente presentes no processo de construção do espaço comum, dando-lhes as ferramentas necessárias para desenvolver sua criatividade e provocar nelas o despertar de uma nova imagem, gerar identidade com os espaços nos quais suas vidas acontecem.

Pretende-se que as crianças e os jovens adquiram mais conhecimento sobre a cidade na qual moram, uma apropriação dos espaços que lhes são cotidianamente vetados, o movimento livre nas praças, o empoderamento espacial juntamente com outras crianças favorecendo sua convivência, a valorização do lugar em que moram com um novo olhar sobre o seu habitat, fazê-los responsáveis pelo meio ambiente, que conheçam os elementos que formam o lugar imaterial e, principalmente, que demonstrem sua capacidade transformadora.

#### PROPOSTA

As oficinas do A Vila do Amanhã têm duração de cinco dias, nos quais a cidade com a qual trabalhamos se transforma em nosso tabuleiro de jogo, nosso laboratório de experimentos: aprendemos brincando. É uma metodologia

experimental de aprendizagem que se baseia em recursos arquitetônicos e artísticos, que utilizam a cidade como ferramenta de aprendizagem: caminhando por ela e a entendendo, utilizando e fazendo espaços.

As atividades se estruturam em seis conceitos fundamentais: a percepção, a escala, o espaço, a cidade, a paisagem e a sustentabilidade, juntamente com quatro ferramentas necessárias: o ponto, a linha, o plano e o elemento tridimensional. Para desenvolver esses seis conceitos, são utilizadas estratégias da arte e da arquitetura.

#### CONCEITO 1: A PERCEPÇÃO

A percepção do corpo em si, assim como a percepção do entorno, são conceitos fundamentais nas oficinas. Trabalhamos com a percepção de duas maneiras. Em primeiro lugar, precisamos saber como é a visão das crianças sobre a cidade em que vivem. Para isso, com base em Guy Debord, saímos à deriva, um conceito proposto principalmente no situacionismo, que significa caminhar sem um objetivo específico, e que tenta estabelecer uma reflexão sobre as formas de ver e de experimentar a vida urbana.<sup>3</sup> Caminhamos acompanhados de uma grande moldura dourada, para que em nosso caminho sejam marcados os elementos importantes da cidade para elas: algumas vezes, temos gratas surpresas e o elemento fundamental em sua cidade são as pessoas, frequentemente, os elementos protagonistas são superfícies comerciais. Há vezes em que elementos paisagísticos, incluindo de fora da cidade, mas visíveis nela, são os destacados, desvanecendo, assim, o conceito de espaço urbano.

Continuando com a percepção, provocamos nas crianças e jovens uma nova visão do entorno, buscando romper com o conhecido, para que possam perceber os mesmos lugares de maneiras diferentes. Tomamos como base para essa experiência o conceito literário de estranhamento, desenvolvido por Viktor Shklovski. De acordo com sua teoria, a vida cotidiana faz com que o frescor de nossa percepção dos objetos se perca,<sup>4</sup> fazendo com que seja automática. Já não observamos o que nos cerca, já não olhamos os objetos e lugares que conhecemos, porque são habituais para a gente. A arte apresenta objetos a partir de outra perspectiva, nos



**O que você emolduraria em sua cidade? Para as crianças participantes da oficina em Rianxo, Galícia, o mais importante foram as pessoas. Foi um caso isolado: as crianças que participam de nossas oficinas costumam emoldurar áreas recreativas, zonas comerciais ou suas próprias casas; mas a infância de Rianxo ensinou aos que trabalham na construção das cidades que costumamos não ter presente o mais importante: as pessoas**

afasta de sua percepção automatizada e cotidiana, e dá vida a esses objetos e em seu reflexo na arte. Utilizando esse conceito, chegamos a transformar uma praça em um grande oceano, e inclusive fizemos grafite no ar. Isso transforma esses espaços em locais pessoais, deixam de ser um ponto aleatório para ser um lugar que foi transformado e apropriado. A cidade se faz, assim, como parte das crianças, que aprendem o valor de sua contribuição no espaço urbano.

#### CONCEITO 2: ESCALA

Apresentamos o conceito de escala humana relacionando-a com a escala urbana. Partindo da tomada de consciência das dimensões de nosso próprio corpo, podemos abordar outras dimensões, como a cidade e o território. É uma rota de percepção, colocada entre as mãos, que representam a escala próxima e o horizonte, o ponto mais distante captado por nossos



Brincando com a percepção: na oficina em Vilagarcía de Arousa, Galícia, a praça da Independência se transformou em um grande oceano onde se pôde desfrutar do espaço de uma nova maneira – porque deixamos de prestar atenção a nossos espaços habituais

sentidos. Nesta posição, podemos começar a entender as distâncias que nos separam, o quanto demoramos para percorrê-las, o quão longe podemos chegar. Nossas cidades estão pensadas para pessoas de um tamanho padrão, com uma altura e um passo determinados. Mas o quanto mede o passo de uma criança? E o passo de uma pessoa idosa? Com essa atividade, visibilizamos que não temos todas as mesmas dimensões, e que a cidade não pode estar pensada para uma minoria.

#### CONCEITO 3: ESPAÇO

Buscamos trabalhar a partir do espaço da arquitetura e da cidade com experimentos sobre luz, textura, cor e som. O instrumento é o próprio corpo, que viaja, constrói e toca os espaços com todos os sentidos expostos.



Também em Vilagarcía de Arousa, com uma ação efêmera (graffitis no ar), o espaço habitual se transforma em algo cheio de novidade, mudando totalmente sua percepção

#### CONCEITO 4: CIDADE

Consideramos a cidade como nosso tabuleiro de jogo e laboratório de experimentos. Tentamos entender sua estrutura, sua conformação morfológica, seus cheios e vazios, sua história, suas tradições, suas ruas e ruelas, seus túneis e seus atalhos. “Porque uma cidade, segundo a opinião dos filósofos, não é mais do que uma grande casa e, por outro lado, a casa é uma pequena cidade”.<sup>5</sup>

As crianças e os jovens se transformam por uns dias em pensadores da cidade, se apropriam dos espaços, os fazem seus. Eles desenham e inventam seus próprios espaços de brincadeiras, modificam a cidade, a vivem e a desfrutam. As ferramentas para fazer essas transformações serão o ponto, a linha e o plano, como os definiu Wassily Kandinsky,<sup>6</sup> às quais incluiremos o elemento tridimensional, nos baseando nos métodos pedagógicos de Friedrich Froebel.<sup>7</sup>



Trabalhando com a escala: em Verín, Galícia, em uma rota de percepção, analisamos o olhar entre as mãos (que representam o espaço mais próximo), e as dimensões de nosso próprio corpo, e nos perguntando sobre a diferença entre os lugares que nos cercam, conscientes de si e do lugar em que estamos



Trabalhando com a escala: em Cambados, Galícia, em uma rota de percepção, analisamos o olhar para o horizonte (o lugar mais longínquo), trabalhando as dimensões do espaço que nos rodeia



Trabalhando com a escala: em Ferrol, Galícia, foi realizada uma intervenção urbana efêmera: com água, as silhuetas das crianças ficam gravadas no muro, na intenção de humanizar o grande muro do Arsenal

#### CONCEITO 5: PAISAGEM

Interação entre a paisagem construída, a paisagem natural e os territórios intermediários. O objetivo aqui é compreender como as pessoas constroem a paisagem e como a paisagem nos constrói.

#### CONCEITO 6: SUSTENTABILIDADE

Queremos refletir sobre a forma pela qual nos relacionamos com o planeta. Estarmos conscientes de que o sustentável consiste em um equilíbrio entre o que nos permite desenvolver nossa vida e o que compromete nossa sobrevivência e a de gerações futuras. Trabalhamos com a inclusão do verde nas cidades e, para isso, usamos o sistema de bomba de sementes, de Masanobu Fukuoka.<sup>8</sup> Assim, entendemos a importância da vegetação nas cidades e vamos além para entender que a sustentabilidade implica a mudança de hábitos que temos arraigados em nossa vida.



Trabalhando com o tridimensional, na oficina em Malpica, Galícia. Aqui, o espaço escolhido para construir foi um vazio urbano, no qual as crianças criaram seu espaço e seu lugar de proteção no alinhamento da calçada

#### RESULTADOS

Com o projeto A Vila do Amanhã, a cidade em que vivem não é uma ideia abstrata nem uma série de pequenas imagens parciais. Começa a ser entendida como um entorno muito mais complexo e integral, uma rede de relações que se manifesta no espaço físico e que se aproxima à noção de habitat: o espaço que transcende a localização física em um território, no qual resolvemos nossas necessidades, estabelecendo relações com outras pessoas e com os meios natural e construído. O habitat também implica a memória e o simbólico da comunidade. Finalmente, o habitat como um sistema de relações e processos que são gerados entre três elementos: a natureza, a sociedade e o habitante.

As crianças aprendem a partir do lugar em que vivem, com duas ferramentas poderosas: a arte e a arquitetura. São dois elementos que nos ajudam a conhecer o mundo e, o mais importante, a também transformá-lo. Por isso, são combinadas ferramentas de diferentes



Na oficina em Ferrol, Galícia, jovens construíram um muro verde em um espaço residual no centro da cidade, como uma pequena semente por uma cidade mais sustentável. Essas estruturas coloridas são feitas com material geotêxtil, e dentro delas são colocadas bombas de sementes que, ao germinarem, formam um muro verde

disciplinas, pois tentamos introduzir conceitos de arquitetura e arte, bem como de paisagem, planejamento urbano e sustentabilidade.

Com atividades baseadas em jogos e brincadeiras, a linguagem fundamental da infância, as crianças se divertem e descobrem elementos de sua cidade até então desconhecidos para elas. Além disso, começam a entender sua capacidade de influência na cidade, a questionar atitudes e situações presentes. Aprendem brincando.

Estudantes de arquitetura aprendem com as crianças, rompem com a educação regrada, esquecem números, normas e técnicas urbanísticas e aprendem a entender as necessidades das crianças por meio da participação na oficina. Assim como as crianças aprendem a questionar as soluções atuais e a compreender diferentes perspectivas.

A Vila do Amanhã já trabalhou com 2.300 crianças com idades entre três e quinze anos, de diferentes cidades, e com cem estudantes dos últimos anos de arquitetura da Universidade de La Corunha, na Galícia, e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.



Trabalhando para uma cidade verde: em São Paulo, Brasil, as crianças prepararam bombas de sementes para inundar de vegetação seu espaço residencial

## CONCLUSÕES

Eu encaro a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento das arcadas e a largura do quadrado; meu olhar inconscientemente projeta meu corpo na fachada da catedral, onde vagueia pelas molduras e contornos, sentindo o tamanho dos recessos e projeções [...]. Sinto-me na cidade e a cidade existe através da minha experiência incorporada. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu habito a cidade, a cidade habita em mim.<sup>9</sup>

Parafraseando o arquiteto finlandês Pallasmaa, habitar a cidade e deixar que a cidade me habite é uma ideia que tentamos transmitir às crianças de nossas oficinas com as diferentes atividades e ações propostas. Desde o eu, desde o ser/estar no mundo, desde o corpo, reconhecendo o habitat que nos rodeia com todos os nossos sentidos, entendendo-o, fazendo-o nosso, apropriando-se dele, com o objetivo



Apropriação da cidade que habito. Em Ferrol, Galícia, as crianças invadiram um espaço normalmente proibido, tiraram os automóveis e transformaram o lugar em espaço de brincadeiras

de saber que podemos modificá-lo para o bem ou para o mal. Para isso, nosso instrumento tem sido a brincadeira, a forma natural com a qual as crianças aprendem e se expressam. A cidade como um grande tabuleiro descoberto com ação e com seus próprios movimentos.

A percepção da cidade e do habitat das crianças mudou depois de realizar as oficinas do A Vila do Amanhã. O espaço urbano se transformou em parte delas, foi interiorizado, apropriado. Formaram-se laços com o lugar onde moram e descobriram-se capacidades de transitar e de se mover. No final da oficina, já há caminhos que se conhecem, espaços familiares, e referências pelas quais se guiam. Começam a fazer uma imagem mental da cidade e de suas dimensões.

Após as oficinas, resta repensar o modelo da cidade. Recuperar espaços e distâncias humanas, começar a reparar no conceito de rua versus rodovia; sendo que essas ruas são diversas e complexas, permitindo rotas alternativas e seguras para todos os meios de transporte. Para finalizar, citamos novamente Aldo van Eyck:

Uma cidade, se é realmente uma cidade, tem um ritmo composto, baseado em muitos tipos de movimento, humano, mecânico e natural. O primeiro é paradoxalmente suprimido, o segundo é tiranicamente enfatizado, o terceiro é expresso de forma inadequada.

Com rodas ou sem rodas, o homem é essencialmente um pedestre. Se ele realmente quer ser, se ele volta a sê-lo ou se não quer mais ser, isso é bastante arbitrário. Ele é um pedestre! Side walk na verdade expressa exatamente o que é! Cuidar de pedestres significa cuidar da criança. Uma cidade que ignora a presença da criança é um lugar pobre. Seus movimentos serão incompletos e opressivos. A criança não pode redescobrir a cidade, a menos que a cidade redescubra a criança.<sup>10</sup>

Esse texto nos ajuda a lembrar que somos, antes de tudo, pedestres. Ainda que o urbanismo atual e todo seu entorno nos faça esquecer disso, como se o carro formasse uma parte indivisível de nosso corpo, somos pedestres e nosso corpo e nossos sentidos estão adaptados para o passo. Apenas podemos perceber a planicidade da cidade a pé.

O trânsito humano deve ser favorecido, pois é o que gera uma cidade mais completa, com seu ritmo e permanente contato com o meio físico. Além disso, deve-se buscar uma constante intermodalidade, com a flexibilização dos meios de transporte, o aumento de seus horários e tempos. A melhoria do transporte fará a cidade mais inclusiva para aqueles que não possam ou não queiram possuir seu veículo próprio.

Em resumo, devemos recuperar a cidade para as pessoas, o que implica criar ruas para os pedestres, que por sua vez significa fazer ruas para crianças. As crianças são sempre vulneráveis no entorno urbano atual: nada está feito na sua escala, as distâncias são longas, os tempos de cruzamento são curtos, as calçadas são estreitas, os veículos são muito rápidos. A construção das ruas para a infância implica na construção de uma rua para todos aqueles que, de alguma forma, são vulneráveis na cidade.

A percepção da cidade e do habitat para futuros arquitetos e para os adultos também mudou, o aprendizado com os pequenos nos levou a considerar aspectos da cidade que normalmente deixamos de fora nos manuais de planejamento urbano. As perguntas surgem novamente: como podemos recuperar a identidade da cidade? Como a cidade poderia ser novamente um lugar de encontro e de troca? Como podemos nos sentir seguros novamente nas casas, na cidade? Como podemos fazer da cidade nosso lugar, nosso espaço? O que podemos fazer para evitar que a cidade seja algo sujo, cinza, monstruoso? Essas são as questões que nos motivam a continuar evoluindo nas oficinas do A Vila do Amanhã.

#### NOTAS

NE. Texto originalmente escrito em espanhol. Tradução de Bianca Antunes.

1. *Manual del Team 10*. Apud VAN EYCK, Aldo (1962). *Collected articles and other writings: 1947-1998*, p. 112.

2. Ver HARVEY, David. *Ciudades rebeldes. Del derecho a la ciudad a la revolución urbana*.

3. Ver DEBORD, Guy. Teoria da deriva.

4. TODOROV, Tzvetan. *Teoría de la literatura de los formalistas rusos por Jakobson, Tinianov, Eichenbaum, Brik, Shklovski, Vinogradov, Tomashevski, Propp*, p. 55-70.

5. ALBERTI, Leon Battista. *De re aedificatoria*, p. 98.

6. Ver KANDINSKY, Wassily. *Punto y línea sobre el plano. Contribución al análisis de los elementos pictóricos*.

7. Ver FRÖEBEL, Friedrich. *Da educación del hombre*.

8. Ver FUKUOKA, Masanobu. *Sembrando en el desierto: semillas para la regeneración del planeta*.

9. PALLASMAA, Juhani. *The eyes of the skin: architecture and the senses*, p. 44.

10. SMITHSON, Alison. *Team 10 primer*, p. 53.

# Biografias



**ADRIANA FRIEDMANN** é especialista, docente, palestrante e pesquisadora em temáticas da infância, pesquisas com crianças e linguagens expressivas. Consultora nacional e internacional de organizações não governamentais, fundações, secretarias, escolas e faculdades. Coordena cursos livres e de pós-graduação. Criadora e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento – NEPSID, do Mapa da Infância Brasileira e do Mapa do Brincar. Doutora em antropologia na Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, mestra em educação pela Unicamp e pedagoga pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP. Autora de livros e capítulo de livro na área, dentre eles: *A vez e a voz das crianças*, *Linguagens e culturas infantis*; *O desenvolvimento da criança através do brincar*; *A arte de brincar*; “O olhar antropológico por dentro da infância: adentrando nas casinhas das crianças”.

**ALICE JUNQUEIRA TERRA CAFFARO** é consultora em desenvolvimento social e cocriadora da Rede Mulheres Atuando pela Sustentabilidade – MAS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Futuro da PUC SP.

**ANA BEATRIZ GOULART DE FARIA** é arquiteta-urbanista do Centro de Referências em Educação Integral, da Fábrica-Escola de Humanidades e parte do grupo de trabalho Infâncias, Juventudes e Cidade do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo.

**ANA CAROLINA ALMEIDA SANTOS NUNES** é pesquisadora da FGV SP e ativista com foco nas áreas de gênero e mobilidade.

**ANA GABRIELA GODINHO LIMA** é arquiteta pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP, mestre em Estruturas Ambientais Urbanas, também pela FAU USP, e doutora pela Faculdade de Educação da USP. Possui pós-doutorado pela School of Creative Arts da University of Hertfordshire. Atualmente, é professora na graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Entre 2014 e 2019, com Luz Paz Agras e Emma Lopes Bahut, foi editora da *Revista de Investigación y Arquitectura Contemporánea*, publicada pela Escola Técnica Superior da Universidade de Corua. Com Rodrigo Mindlin Loeb, coordena a pesquisa “Cidade, gênero e infância”, no âmbito do Termo de Cooperação Técnica celebrado entre a Universidade Presbiteriana Mackenzie e o Instituto Brasileira, contando com financiamento da Fundação Bernard van Leer.

**ANA OLIVA MARCILIO** é formada em psicologia pela Universidade Federal da Bahia – Ufba, é mestra em educação e justiça social pelo Instituto de Educação do Colégio Universitário de Londres. É consultora associada da Avante Educação e Mobilização Social e especialista em direitos das crianças.

**BARBARA BONETTO** é diretora de engajamento do Instituto Courb.

**BEATRIZ CARDOSO** é pedagoga e doutora em educação pela USP, fellow do programa *Advanced Leadership Initiative* da Universidade de Harvard (2013), e presidente do Laboratório de Educação.

**CELINA DE PINHO BARROSO** é arquiteta e urbanista, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano – Propur da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

**CLAUDIUS CECCON** é diretor do Centro de Criação de Imagem Popular – Cecip, arquiteto, com estudos de pós-graduação em planejamento urbano na Universidade de Roma, Itália, e no Bowcentrum, em Rotterdam, Holanda. É designer gráfico e chargista.

**DANIELA GETLINGER** é arquiteta e urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM (1993), mestre (2013) e doutoranda (previsão 2021) pela mesma universidade. Possui pós-graduação M.Arch. pela Universidade da Califórnia – UCLA. É professora assistente e pesquisadora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie FAU UPM, onde também é pesquisadora dos grupos de pesquisa Megacidades e Desenvolvimento Sustentável e Arquitetura: Projeto & Pesquisa & Ensino, este último, certificado desde 2004 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ e financiado pela Fundação Bernard van Leer.

**HERMÍLIO SANTOS** é sociólogo, doutor em ciência política (Universidade Livre de Berlim), com pós-doutorado em sociologia (Universidade de Göttingen), professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, coordenador do Centro de Análise Econômicas e Sociais – Caes da PUC-RS.

**ISABEL SANTANA GERVITZ** é psicóloga pela PUC-SP, psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo e coordenadora da frente de mobilização do projeto *Toda criança pode aprender*.

**JANINE DODGE** é presidente da Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura – IPA Brasil. É coautora do livro *A descoberta do brincar* e organizadora do livro *Guardiões do brincar: guia prático para promover o brincar em família e na comunidade*. Foi diretora do Instituto Unilever no Brasil e atuou por mais de vinte anos como executiva e diretora em grandes multinacionais no Brasil e no exterior, inclusive no Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, em Washington. Janine é formada em relações internacionais pela Universidade de Toronto, possui MBA e é mestre em coaching integral. É mãe orgulhosa de Luc, Sabrina e Alec.

**JULIANA DI CESARE MARQUES AWAD** é doutora em Arquitetura e Urbanismo pela

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP e cofundadora das Cidadeiras.

**JULIO LUIZ VIEIRA** é graduado em arquitetura e urbanismo pela UPM (1987), mestre pela mesma instituição (2003) e doutor pela Universidade de São Paulo – USP (2015). É professor assistente e pesquisador na FAU UPM, onde é responsável pelo componente curricular Projeto 8 – Cidade e Teoria (8º semestre) e pesquisador do grupo de pesquisa Arquitetura, Processo de projeto e Análise digital, que investiga os princípios operativos da prática de projeto na arquitetura contemporânea.

**LETICIA LEDA SABINO** é diretora-presidente do SampaPé!

**MARIA DE FÁTIMA ARANHA TOTTI** é psicóloga e educadora infantil com pós-graduação em educação lúdica pelo Instituto Vera Cruz e cofundadora das Cidadeiras.

**MARIA THEREZA MARCILIO** é licenciada em pedagogia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Mestra em educação pela Escola de Educação da Universidade de Harvard, presidente e associada fundadora da Avante Educação e Mobilização Social.

**MARIANA MORAIS** é presidente do Instituto Courb.

**MARILENA FLORES MARTINS** é assistente social pela PUC-SP e pós-graduada em animação sociocultural. Especializada pela Associação Latino-Americana de Análise Transacional – Alat e especializada em iniciação musical pelo Conservatório Musical Souza Lima. Com atuação profissional em saúde mental por 27 anos, foi secretária adjunta da Secretaria Estadual da Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo em 2002. É fundadora e ex-presidente da ONG Promove Ação Sócio-Cultural e fundadora da IPA Brasil. Membro honorária vitalícia da IPA Internacional. Consultora e palestrante na área do brincar e do desenvolvimento infantil, é autora dos livros *Guia brincar é preciso!*; *Cidadania é preciso!*; *Gigi e sua tesoura mágica* e *Vem brincar!*

**NATACHA COSTA** é diretora geral da Associação Cidade Escola Aprendiz e participa da construção das agendas de educação integral, inovação na educação e exclusão escolar no país, atuando em conselhos e comitês relacionados a esses temas. É membro do Conselho Estratégico Universidade-Sociedade da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, do Comitê Nacional para a Busca Ativa Escolar do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef, do Movimento de Inovação na Educação, do Conselho Consultivo do Núcleo de Projeto e Pesquisa em Cultura, Cidade, Gênero e Primeira Infância do Instituto Brasileira/Universidade Mackenzie e compõe o conselho consultivo do programa Escolas 2030 no Brasil.

**NICOLE PAULET PIEDRA** é graduada em ciências sociais pela Universidade de Harvard, mestra em educação pela Faculdade de Educação de Harvard e diretora de conteúdo do Laboratório de Educação.

**PAULO ROBERTO MAGALHÃES** é docente da Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, licenciado em geografia pela Universidade Católica de Santos. Formou-se em ciências sociais, na área de ciências políticas, pela Universidade

Estadual Paulista – Unesp. É especialista pela mesma universidade na área de Educação e Desenvolvimento no Brasil e América Latina. Mestre em arquitetura e urbanismo pela PUC Campinas, é pedagogo e habilitado em administração e supervisão escolar.

**PRISCILA SUSIN** é psicóloga, mestre e doutora em ciências sociais e pesquisadora pela PUC-RS.

**ROBERTO GAMBINI** é terapeuta junguiano há mais de quarenta anos, conferencista e ensaísta. Formou-se em ciências sociais pela Universidade de São Paulo na década de 1960, fez mestrado em ciências sociais pela Universidade de Chicago e depois de lecionar ciência política na Unicamp na década de 1970, partiu para uma formação em psicologia analítica no Instituto Carl Gustav Jung de Zurique, Suíça. É membro da Sociedade Suíça e da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica. Sua grande preocupação intelectual tem sido fazer confluir a psicologia junguiana e as ciências sociais.

**RODRIGO MINDLIN LOEB** é arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP e mestre em Energia e Meio Ambiente pela Architectural Association School of Architecture de Londres. Atualmente, é professor na graduação e especialização da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Com Eduardo de Almeida, é autor dos projetos para a nova Embaixada da República Islâmica do Irã em Brasília, da nova sede do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB e da Brasileira USP – Biblioteca Guita e José Mindlin, na qual atua como diretor, desde 2010, promovendo a pesquisa e a prática de difusão da cultura brasileira nos eixos da Cidade e Primeira Infância, Campo Museal e Literatura e Infância. Com Ana Gabriela Godinho Lima, coordena a pesquisa “Cidade, gênero e infância”, no âmbito do Termo de Cooperação Técnica celebrado entre a Universidade Presbiteriana Mackenzie e o Instituto Brasileira, contando com financiamento da Fundação Bernard van Leer.

**RODRIGO RUBIDO ALONSO** é arquiteto e urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos e cofundador do Instituto Elos.

**SANDRA GONZÁLEZ ÁLVAREZ** é arquiteta pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de La Corunha. Atualmente, é doutoranda do Programa Oficial de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de La Corunha e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. É criadora e diretora do projeto A Vila do Amanhã ([www.aviladomaña.com](http://www.aviladomaña.com)). Bolsista Iberoamericana de Pesquisa do Banco Santander entre 2017-2018. É autora e editora de múltiplas publicações e premiada em concursos de âmbito nacional e internacional.

**TIÃO ROCHA** é antropólogo e educador pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG, pela Universidade de Brasília – UNB e no Museu Nacional. É presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD.

**URSULA TRONCOSO** é formada em arquitetura e urbanismo e pós-graduada na Universidade Politécnica da Catalunha. É coordenadora de educação urbana do Instituto A Cidade Precisa de Você e desenvolve o projeto Cidade para Crianças. Colaborou para com diversas iniciativas dentro do tema cidade e infância junto ao Instituto Tellus, Instituto Alana, Inciti e IAB-SP como urbanista especialista em políticas públicas inclusivas e participação infantil. É consultora da Fundação Bernard van Leer.

**VERA LION** é socióloga, mestra e doutora em serviço social pela PUC-SP, e coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC.

**VITAL DIDONET** é professor, bacharel e licenciado em filosofia e em pedagogia, mestre em educação pela Universidade de Brasília – UNB. É membro fundador da Rede Nacional Primeira Infância – RNPI, dentro da qual coordenou a elaboração do Plano Nacional pela Primeira Infância (2010-2022) e sua revisão e atualização em 2019-2020; e é responsável pela atualização, pesquisa, consultoria técnica e textos da segunda edição do *Guia para elaboração dos planos municipais pela primeira infância*, que orienta os municípios a construir seus planos decenais para o atendimento dos direitos da criança de zero a seis anos. Assessorou o autor e o relator do projeto de lei nº 6.998/2013, que resultou na lei nº 13.257/2016, conhecida como Marco Legal da Primeira Infância. É vice-presidente da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar – OMEP.

## ACERVO

Acervo Avante – P. 195, 202 (Ismael Silva), 205, 207 (Ana Olívia Marcilio), 208 (Acima, Ismael Silva), 208 (Abaixo, Ana Olívia Marcilio), 216 (Acima, Camila Souza), 216 (Abaixo, Ana Olívia Marcilio)  
Acervo Cecip – P. 347, 349, 351, 352, 353, 359 (Gagui Silva), 361  
Acervo Cecip | Projeto “Criança Pequena Em Foco” – P. 345  
Acervo Cecip | Tv Maxambomba – P. 340, 343  
Acervo Fluxo Imagens – P. 315 (Marcelino De Melo Gadi)  
Acervo Instituto Elos – P. 331 (Isabela Senatore), 335 (Rubén Urbietta), 337 (Joana França)  
Acervo Ipa Brasil – P. 151 (André Monteiro), 154 (Acima, André Monteiro), 157 (André Monteiro)  
Acervo Laboratório De Educação – P. 175, 181, 183, 186, 187  
Acervo Pesquisa “Infância E Violência: Cotidiano De Crianças Pequenas Em Favelas Do Rio De Janeiro, Recife E São Paulo” – P. 87, 88, 89, 93, 95, 96  
Acervo Projeto Mulheres Caminhantes! – P. 269 (Leticia Sabino), 276, 278

## FOTÓGRAFO

Adam Junqueira Rocha – p. 154 (abaixo)  
André Monteiro – p. 162  
Bárbara Bonetto – p. 307, 309, 311, 317  
Beatriz Cunha – p. 237 (acima), 238, 239  
Cleomar da Silva Moreira – p. 275 (abaixo)  
Daniela Getlinger – p. 115, 118  
Danilo Jesus Pereira – p. 68  
Janine Dodge – p. 152  
Juliana Marques – p. 229, 230, 232  
Leonardo Gobbi – p. 111, 116, 121 (abaixo), 122  
Leticia Sabino – p. 304  
Maria Regina Marques – p. 234, 235, 237 (abaixo)  
Nina Cecchini – p. 72 (abaixo)  
Patrícia França – p. 270, 275 (acima), 275 (meio)  
Rodrigo Mindlin Loeb | ensaio fotográfico – p. 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384  
Sandra González Álvarez – p. 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257  
Thorsten Bareuther | Unsplash – p. 100  
Tiago Reivax – p. 289, 290, 294  
Ursula Troncoso – p. 130, 133, 143  
Valdirene Rocha – p. 71, 72 (acima), 74

## MAPA

Ateliê Navio – p. 128, 138, 139, 140  
Daniela Getlinger – p. 121 (acima)  
Ingrid Bisterzo – p. 107, 112

## DESENHO

Roberto Gambini | redesenhos baseados nos desenhos desenvolvidos por crianças durante as experiências pedagógicas – p. 397, 399, 407, 409, 413, 415, 417, 418, 419, 420, 429

## ILUSTRAÇÃO

Ilustrações desenvolvidas a partir dos desenhos re-alizados em oficina com as crianças Dandara e Gael Teles, Isadora Nunes, Max von Randow e Vinícius Couto – p. 1, 2-3, 4-5, 6-7, 8-9, 10-11, 12, 15, 16, 26, 36, 42, 47, 48-49, 50, 62, 80, 104, 126, 148, 170, 192, 220, 242, 262, 284, 302, 320, 338, 366-367, 388, 432, 448

## ROMANO GUERRA EDITORA

### EDITORES

Abílio Guerra  
Silvana Romano Santos  
Fernanda Critelli

### CONSELHO EDITORIAL

Abílio Guerra  
Adrián Gorelik (Argentina)  
Aldo Paviani  
Ana Luiza Nobre  
Ana Paula Garcia Spolon  
Ana Paula Koury  
Ana Vaz Milheiros (Portugal)  
Ângelo Bucci  
Ângelo Marcos Vieira de Arruda  
Anna Beatriz Ayroza Galvão  
Carlos Alberto Ferreira Martins  
Carlos Eduardo Dias Comas  
Cecília Rodrigues dos Santos  
Edesio Fernandes (Estados Unidos)  
Edson da Cunha Mahfuz  
Ethel Leon  
Fernanda Critelli  
Fernando Lara (Estados Unidos)  
Gabriela Celani  
Horacio Enrique Torrent Schneider (Chile)  
João Masao Kamita  
Jorge Figueira (Portugal)  
Jorge Francisco Liernur (Argentina)  
José de Souza Brandão Neto  
José Geraldo Simões Junior  
Juan Ignacio del Cueto Ruiz-Funes (México)  
Luís Antônio Jorge  
Luís Espallargas Gimenez  
Luiz Manuel do Eirado Amorim  
Marcio Cotrim Cunha  
Marcos José Carrilho  
Margareth da Silva Pereira  
Maria Beatriz Camargo Aranha  
Maria Stella Martins Bresciani  
Marta Vieira Bogéa  
Mônica Junqueira de Camargo  
Nadia Somekh  
Otavio Leonidio  
Paola Berenstein Jacques  
Paul Meurs (Holanda)  
Ramón Gutiérrez  
Regina Maria Proserpi Meyer  
Renato Anelli  
Roberto Conduru (Estados Unidos)  
Ruth Verde Zein  
Sergio Moacir Marques  
Vera Santana Luz  
Vicente del Rio (Estados Unidos)  
Vladimir Bartalini

## PISTACHE EDITORIAL

### EDITORA

Bianca Antunes

### CIDADE, GÊNERO, INFÂNCIA

#### ORGANIZAÇÃO

Rodrigo Mindlin Loeb e Ana Gabriela Godinho Lima-

#### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Abílio Guerra, Fernanda Critelli, Silvana Romano Santos (Romano Guerra) e Bianca Antunes (Pistache)

#### TRATAMENTO DE IMAGENS

Nelson Kon

#### PREPARAÇÃO DE TEXTO

Bianca Antunes

#### REVISÃO DE TEXTO

Noemi Zein Telles

#### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alles Blau | Elisa von Randow e Yasmin Dejean

#### IMPRESSÃO

Ipsis

#### PATROCÍNIO CULTURAL

Fundação Bernard van Leer

Urbang5 Challenge

#### APOIO | COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL

Universidade Presbiteriana Mackenzie

#### REALIZAÇÃO

Instituto Brasileira

#### AGRADECIMENTOS

[VERIFICAR SE TEREMOS AGRADECIMENTOS]